

Maria da Conceição Meireles
Pereira

A parenética anti-ibérica da 2ª metade de Oitocentos
A condenação de púlpito

A parenética anti-ibérica da 2ª metade de Oitocentos

A condenação do púlpito

Por Maria da Conceição Meireles Pereira

Tendo em vista o avolumar da questão ibérica que, a partir de meados de Oitocentos, se repercutiu em todos os géneros da produção escrita nacional¹, compreende-se que a pregação não poderia passar ao lado dessa problemática. O papel do pregador, na veiculação de um discurso ideológico e imposição de um esquema mental, se bem que não tão relevante como nos séculos anteriores, em que se dirigia a um público "na sua quase totalidade iletrado e, na prática, sem outra fonte de alimento intelectual"², tem ainda assinalável função, operando como instrumento de comunicação social e concorrendo para a formação da opinião pública³. Lembrava sugestivamente Sampaio Bruno que "pregador era a maneira antiga de ser jornalista, como jornalista é a maneira moderna de ser pregador"⁴.

Os discursos concionatórios em assembleias religiosas tornam-se mais expressivos em tempo de crise política e debate de grandes temas da actualidade nacional; para a sua eficácia concorre o estatuto do emissor, a identificação do pregador como homem de Deus, conferindo uma autoridade e ressonância únicas ao ensinamento ministrado.

A candente temática do iberismo, e mais exactamente a comemoração do 1.º de Dezembro de 1640 então reinventada, proporcionaram uma intervenção da pregação eclesiástica na esfera politico-ideológica que potencializou os argumentos da legitimidade da independência e soberania pátrias em reavistação dos mitos da nacionalidade, num fundo retórico que, se está longe da teatralidade da retórica barroca, participa contudo da emoção comunicativa da oratória romântica.

No 10º tomo do *Dicionário Bibliográfico Português*, Brito Aranha identificou alguns desses textos e exarou a seguinte opinião:

*"Constituem por sem duvida uma excellente propaganda anti-iberica, minando e destruindo os argumentos dos adversários, e retemperando os sentimentos de amor á pátria; alguns recommendam-se igualmente por seus primores oratórios, e são por isso dignos da maior attenção"*⁵.

A sermonária anti-ibérica então impressa constituirá, certamente, uma parte mínima da que efectivamente se praticou; da oralidade à publicação vai um caminho que nem sempre

¹ PEREIRA, Maria da Conceição Meireles — *A Questão ibérica, imprensa e Opinião (1850-1870)*. Dissertação de doutoramento apresentada à F.L.U.P., 2 vols., 1995.

² MARQUES, João Francisco — *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668*. Vol. 1, Lisboa, INIC, 1989, p. 11.

³ IDEM - *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*. Lisboa, INIC, 1986, p. 8.

⁴ BRUNO, Sampaio - *Portuenses ilustres*. T. 2, Porto, 1907, p. 333.

⁵ *Dicionário Bibliográfico Português*. Tomo 10, Lisboa. 1883, p. 44.

foi percorrido⁶. À Comissão Central 1.º de Dezembro ficou a dever-se a publicação da maioria dos sermões gratulatórios da efeméride, mas casos houve - poucos, embora - que antecederam a criação daquela associação ou nada tiveram a ver com ela. Por outro lado, se tivermos em conta que depois da fundação da Comissão Central, em 1861, e seu progressivo desdobramento em comissões locais por dezenas de cidades e vilas, se efectuaram, ano após ano, cerimónias religiosas com sermões comemorativos do 1.º de Dezembro, concluímos que apenas uma percentagem diminuta dessas orações chegou aos pelos (ver quadro sinóptico em anexo).

Os 26 sermões compulsados para este estudo - recitados e publicados entre 1857 e 1892 - constituem um interessante acervo parenético em que se fundem e interpenetram teologia e política, passado e presente, fé e patriotismo, tradição e actualidade.

282

Alguns traços são comuns a todos eles: o exórdio patenteia o júbilo pela intercessão divina que permitiu o milagre da restauração da independência sem contudo esquecer o castigo divino que sujeitara o país à dominação espanhola como punição pela crise moral instalada após o apogeu do império; a confirmação do tema alimenta-se de extensas narrativas históricas evocadas como lições para o presente; a peroração exorta à salvaguarda da independência nacional face às ameaças dos tempos modernos. Se o fio condutor é a divina providência e seus superiores designios, são também frequentes reflexões sobre a actualidade nacional e internacional, com realce para a polémia dos nacionalismos e situação das nações oprimidas pelos vizinhos expansionistas. Neste contexto surgem as condenações veementes do iberismo, revestindo-se de grande interesse as representações dos espanhóis, evangelicamente vistos como irmãos dos portugueses mas radical e irredutivelmente diferentes deles.

De entre os sermões estudados o mais antigo é o único que escapa à comemoração do 1º de Dezembro já que evoca a efeméride da batalha das Linhas de Eivas⁷. As tendências gerais da sermonária anti-ibérica adivinham-se já nesta prédica realizada na sé elvense: a tónica incide na ideia de que Portugal é uma das nações escolhidas para gozar da protecção visível do Altíssimo, sendo a sua independência empenho específico da Providência. Após uma longa narrativa histórica organizada por etapas simbólicas como Ourique, Aljubarrota, Descobrimientos e Restauração de 1640, a temática discursiva plasma-se na batalha das Linhas de Eivas, sendo aí realçados o heroísmo e grandeza de um povo que, nos tempos actuais, se vê confrontado com as contrariedades da decadência.

O discurso de Francisco Soares Franco Júnior, recitado em Coimbra perante os corpos docente e académico no ano de 1863 e publicado no Porto, dois anos mais tarde, integrado numa colecção de sermões inéditos do autor⁸, apresenta um exórdio polarizado nos temas do

⁶ Alguns destes sermões foram difundidos pela imprensa periódica como é o caso de *O Conimbricense* que marcou o 227.º aniversário da Restauração de 1640 publicando os sermões que sobre o tema haviam sido pregados na cidade, nomeadamente em Santa Cruz, no senado da Câmara e na Universidade (Cf. n.º 2123, 30.11.1866, pp. 1-3).

⁷ *Sermão que na Festividade da Manhã do dia 14 de Janeiro de 1857, Anniversario das Linhas d'Elvas, pregou na Sancta Egreja Cathedrai, perante a illustrissima Camará Municipal, o Cónego Vigário Manuel Joaquim Barradas*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1857, 27 páginas.

⁸ *O Pregador Catholico. Collecção de Sermões Inéditos por Francisco Soares Franco Júnior*. Porto, Viúva More Editora, 1865. O sermão em causa tem o número 33, e encontra-se a páginas 411-436.

amor e do castigo: o amor à pátria dada pelo Deus de Ourique e o castigo divino em expiação de tremendos pecados materializado na perda da independência executada pelos "nossos irmãos da Península". Apesar de o autor ter previamente esclarecido que não pretendia tratar "de direito publico, nem tão pouco de politica"⁹ e tão somente agradecer a Deus o milagre de 1640, a sua oração anima-se com excertos de poesias patrióticas de João de Lemos e Mendes Leal, e disserta sobre o princípio das nacionalidades, assinalando a inviabilidade de uma fusão quando os povos têm índole e costumes diferentes, como era justamente o caso das duas nações peninsulares; enquanto os espanhóis se caracterizavam pelo desrespeito da morte e gosto pelo sangue, os portugueses eram eminentemente pacíficos e sossegados. Opinava o padre Franco Júnior que a fusão era sinónimo de absorção já que, pela ordem natural e egoísmo inerente à natureza humana, os grandes tendem sempre a esmagar os pequenos, como demonstravam os exemplos de Veneza, Hungria e Polónia. Essa era, a seu ver, a triste verdade revelada no tempo dos Filipes que "abriram um abysmo tenebroso entre os dous povos"¹⁰, contribuindo para o agravamento do antagonismo entre eles, pese embora esse "entranhado rancor" remontasse às origens da nacionalidade.

Um curioso exemplar da parénese anti-ibérica foi pregado em 1868 na Covilhã pelo padre Miguel Ferreira de Almeida, com o sugestivo título *Discurso Patriótico contra a Iberia*¹¹. Este presbítero miguelista começava por manifestar o júbilo da comemoração do 1.º de Dezembro que redimira a pátria da sua perda da liberdade após os desastres de África que, na sua óptica, foram "o golpe mortal descarregado pela justiça de Deus sobre esta Nação para punir seus crimes e o abuso desmedido que tinha feito do seu poderio"¹². Mas a predicação do padre Ferreira de Almeida tinha a virtude de ser tão directa quanto o próprio título, lembrando que a evocação da efeméride se revestia no presente de um significado específico:

*"Nunca, uma tal commemoração podia vir mais a propósito, do que na actualidade, em que tanto se trabalha contra a independência da nossa Pátria, e o Leão de Castella, instigado pelos furores revolucionários, já abre, raivoso, as suas fauces medonhas, para absorvel-a na chamada União Ibérica"*¹³.

Enquanto não chegava a hora da defesa pelas armas, propunha a propaganda das palavras, as demonstrações pacíficas mas entusiásticas para mostrar ao mundo que os portugueses prefeririam a morte a essa união que seria a pior das calamidades. Denunciava então as promessas enganosas da Ibéria, nomeadamente as ilusões de enriquecimento do país e a escolha de Lisboa para capital do novo Estado, lembrando exemplos de outras absorções em que os pequenos haviam saído perdedores como a Escócia, a Irlanda, a Polónia, o Piemonte e as próprias províncias de Espanha, antigos reinos de Aragão, Navarra, Valência e Astúrias.

⁹ *Moem*, p. 428.

¹⁰ *Ibidem*, p. 429.

¹¹ Publicado na Covilhã, na Tipografia Católica, com 40 páginas e sem data. O autor refere na sua correspondência a um jornal legitimista da capital que os paroquianos o instaram à publicação deste discurso (Cf. *A Nação*, Lisboa, n.º 6261, 7.12.1868, p. 2).

¹² ALMEIDA, Miguel Ferreira de — *Discurso Patriótico contra a Ibéria...*, p. 7.

¹³ IDEM, *Ibidem*, p. 10.

Convicto de que "somos uma família á parte"¹⁴, o eclesiástico evidenciava que o carácter e índole dos portugueses eram diametralmente opostos aos dos espanhóis. Ademais, o vulcão revolucionário que depusera os Bourbons em Setembro de 1868 constituía uma ameaça à religião o que lhe redobrava as suspeitas relativamente a Espanha.

O argumento de uma providência especial presidindo às acções dos restauradores de 1640 e velando por Portugal desde Ourique até ao presente é aqui reiteradamente esgrimido, aproveitando o orador para insistir na ideia de que só isso podia explicar a sobrevivência do país apesar dos desacertos liberais. A sua ira vira-se também contra a maçonaria que responsabiliza pela destruição das nacionalidades italianas e alemãs, preparando assim o caminho para a república universal. Aliás, o padre Ferreira de Almeida identificou sucessivamente a maçonaria com a Ibéria e esta com o caos religioso e social, como denota a imprecação perorativa:

*"Vou pôr deante de teus olhos o pavoroso quadro d*horrores, que te esperam, desde que a União Ibérica seja um facto consumado.*

As tuas propriedades serão roubadas, os teus direitos mais sagrados violados, as tuas liberdades mais santas espesinhadas. Os templos do Senhor serão fechados ou feitos em minas; as esposas de Jesus Christo serão expulsas dos seus asylos sagrados e arrastadas pelas ruas; os teus bispos e clero serão insultados, e metidos em escuras masmorras, suas cabeças irão rolar sobre os degraus do cadafalso, ou serão ceifadas pelo golpe da guilhotina, as suas mãos sagradas (...) serão decepadas, e o santuário será uma triste solidão. (...) O teu sangue correrá a jorros; a anarchia reinará por toda a parte, e a sociedade sem Deus, sem Religião, sem authoridade, sem justiça, cairá na mais espantosa dissolução, e será uma verdadeira imagem do inferno, onde tudo é desordem e horror sempiterno.

(...) Olha, povo portuguez, quem te fez livre, grande e feliz, foi a Religião de Jesus Christo, que elles perseguem com ódio implacável; effica certo, que a civilização e progresso, com que pretendem fascinar-te, não é mais do que a ressurreição do paganismo, a degradação humana, a escravidão da mulher, o reinado abjecto do materialismo e do sensualismo.

Povo portuguez! não acceites os grilhões, com que a revolução quer algemar-te a Castella"¹⁵.

O padre Joaquim Alves Mateus - que se viria a destacar como jornalista, deputado progressista e par do Reino - pronunciou no 1.º de Dezembro do mesmo ano, mas na Sé Bracarense, um sermão igualmente frontal contra o iberismo¹⁶. O *Bracarense* elogiou o orador que compôs em poucas horas um discurso que provocou lágrimas e sorrisos no auditório,

¹⁴ IDEM, *Ibidem*, p. 21.

¹⁵ IDEM, *Ibidem*, pp. 31-32.

¹⁶ *Oração Gratulatoha e Commemorativa do Primeiro de Dezembro de 1640 que em igual dia de 1868 recitou na Sé de Braga Primaz o Cónego Joaquim Alves Matheus*. Braga, Tip. Universal, 1869, 21 páginas. Este sermão encontra-se incluído numa colecção publicada pela Livraria Católica Portuense em 1903 e intitulada *A Voz do Evangelho ou Thesouro dos Pregadores collaborado por oradores e outros ecclesiasticos compententissimos*. São dois os volumes dedicados aos *Sermões Escolhidos do Cónego Joaquim Alves Matheus*.

qual "sublime interprete dos sentimentos da nacionalidade e independência que animam este povo"¹⁷, e o *Popular* reclamou a sua urgente publicação¹⁸.

Depois de um exórdio glorificador do 1.º de Dezembro que resgatara o país da sinistra e feroz política filipina, este sermão invectivava "essa insidiosa e ruim cousa appellidada iberismo", contrapondo ao argumento geográfico a história, o fervor da integridade nacional, a vontade de um povo que rejeitava anexações e queria manter-se independente, recusando "as tão encarecidas grandezas da Ibéria"¹⁹. O protesto explicava que tal atitude não sugeria ódio à nação vizinha - o que seria irracional em relação aos contemporâneos espanhóis que nada tinham a ver com os antigos opressores - mas clarificava posições com a acutilância digna de uma coluna jornalística ou de uma tribuna política, em que, aliás, o autor se viria a distinguir:

285

*"Queremos visinhos, mas não queremos senhores; queremos alianças, que podem aproveitar a ambos, mas não queremos incorporações, que haviam de absorver-nos a nós; queremos bandeiras, que se respeitem, mas que se não confundam; queremos viver como amigos, não queremos existir como súbditos. Esse protesto espontâneo, fervoroso e veementissimo diz hoje, hade dizer amanhã, hade dizer sempre; portuguezes somos, não sere-mos nunca hespanhoes"*²⁰.

A *Oração Gratulatoria* de José Maria de Almeida Ribeiro²¹, comungando do princípio comum da parenética anti-ibérica que consagrava a religião e a pátria como base do edifício social - *Pátria secunda religio* -, apresentava o júbilo da comemoração do 1.º de Dezembro em contraste com a dor profunda da submissão à dominação estrangeira que interpretava como castigo de Deus por alguma falta gravíssima. É assaz curiosa a leitura que Almeida Ribeiro fez da união dual e sua herança histórica:

*"Essa lição tremenda é para os povos de uma terribilidade salutar! porque, sem impedir que esses povos se amem, como irmãos, se respeitem como bons visinhos, e se protejam, como obreiros do progresso, cavou, todavia, um abysmo para sempre, entre as duas nacionalidades! Entre ellas existe o chãos impermeável de Milton!"*²²

No intuito de acalmar a opinião pública espanhola que via os festejos do 1º de Dezembro como uma provocação, o cónego da Sé de Eivas afirmou que tal não representava qualquer ofensa pois países como a França, a Bélgica, a Inglaterra e a Espanha tinham dias de glória semelhantes a este, pelo que "celebral-os é timbre nacional"²³.

⁷ *Pela Pátria*, in "O Bracarense", Braga, n.º 1631, 3.12.1868.

⁸ *Os Festejos do 1º de Dezembro*, in "O Popular", Braga, n.º 98, 9.12.1868.

⁹ MATEUS, Joaquim Alves — *Oração Gratulatoria...* p. 13.

²⁰ *Ibidem*, p. 14.

²¹ *Oração gratulatoria pela feliz restauração de Portugal no anno de 1640, pronunciado na sé patriarchal de Lisboa, em o dia 1º de dezembro de 1868, por José Maria de Almeida Ribeiro, cónego vigário da Sé de Eivas, cavalleiro da ordem de N. S. Jesus Christo, etc, com uma introdução pelo sr. José da Silva Mendes Leal*. Lisboa, Tip. de Castro Irmão, 1869, 8º de 32 páginas.

²² *Ibidem*, p. 24.

²³ *Ibidem*, p. 28.

O *Sermão gratulatorio* que o padre Augusto António Teixeira proferiu na Sé de Lisboa no 1.º de Dezembro de 1869 foi publicado com uma dedicatória especial: "A Portugal e á Hespanha, aos dois povos amigos, independentes e liberaes em significação do mais entra-nhado amor e cordial estima"²⁴. Sem referir explicitamente a questão ibérica na actualidade, o padre Augusto Teixeira formulava com habilidade e subtileza algumas interrogações:

"Pois o que éramos nós então para Castella, senhores, e o que seríamos talvez hoje para Hespanha - cujo grande poder, valor e sciencia militar não podemos deixar de reconhecer - se os nossos bons visinhos, mentindo a seus pactos, insultando suas próprias liberdades, a tanto custo adquiridas, retrogradando mil passos no caminho de sua civilisação, entrassem, por desgraça nossa, e também sua, as fronteiras de Portugal com animo hostil, e mão armada? O que éramos nós então, e o que seríamos talvez hoje, se não tivéramos a Deus da nossa parte? se não tivéramos por antemuro a fortaleza de nossa justiça? se não tivéramos o direito de vida independente, por sermos um povo livre, que temos uma lingua própria, e um solo por natureza distincto? se não tivéramos a esperar, em summa, das outras nações civilisadas, o respeito e a sympathia que merecem nossas instituições, e, sobretudo, nosso character moral?"²⁵

Mas a tese fundamental deste sermão insistia na necessidade de regeneração da sociedade para prevenir quaisquer ameaças externas. A ambição e as dissensões partidárias tinham precipitado o país na crise de 1578-1580 pelo que essa calamitosa época era apontada como "um pharol que os timoneiros da barca social não devem nunca perder de vista"²⁶. O culto das virtudes cívicas e religiosas eram, a seu ver, a garantia da integridade nacional:

"Não é de Hespanha, senhores, nem é de outra qualquer nação que nós devemos guardar a nossa independência, porque a Hespanha é um povo amigo, um povo liberal; mas de quem só devemos guardal-a é de nossos vícios, de nossas ambições, e, sobre tudo, de nossa indeferença religiosa. Nada poderemos receiar pela pátria, senhores, nada poderá inquietar nossa ventura, com tanto que em nossa consciência não sejamos accusados de maus visinhos, e maus cidadãos, e maus catholicos "²⁷

O sermão do ano seguinte, recitado pelo Padre António Maria Belo, incidiu novamente no valor didáctico das lições providenciais de 1580 e 1640 significando, respectivamente, queda/decadência e restauração/redenção²⁸. Defendendo que a felicidade de uma nação se regula por outras medidas que não a sua grandeza territorial, este discurso lembrou a história da península e seus projectos unionistas, fazendo uma retrospectiva dos projectos de união ibérica. A referência ao iberismo moderno surge nos últimos parágrafos, à laia de

²⁴ *Sermão gratulatorio do dia 1 - de dezembro, pregado na santa sé patriarchal d'esta corte em 1869, pelo padre Augusto António Teixeira.* Lisboa, Tip. de Castro Irmão, 1869, 12- de 28 páginas.

²⁵ *Ibidem*, p. 7.

²⁶ *Ibidem*, p. 11.

²⁷ *Ibidem*, pp. 26-27.

²⁸ *Sermão em acção de graças pela feliz restauração de Portugal em 1640, pregado na sé patriarchal de Lisboa em 1870, pelo padre António Maria Belo, etc.* Lisboa, Tip. Universal, 1871, 8² de 19 páginas.

"desafogo", como lhe chama o pregador. Refere-se à absorção como perigo inerente aos povos pequenos encostados a grandes nacionalidades, e exorta à esconjuração desse fantasma pela promoção económica, cultural, moral e religiosa do país. A rejeição do ideal ibérico constitui o corolário da peroração:

*"Somos dois povos irmãos - nós e nossos vizinhos; gira-nos nas veias o mesmo sangue, - sangue nobre e generoso. Podemos por isso amar-nos como irmãos, proteger-nos como amigos. Confundir, porém, nossa vida, unir-mo-nos num só povo, fundir mo-nos n'uma só nacionalidade: isso nunca! - nunca, senhores! - que nol-o vedam as nossas tradições, as nossas crenças, a nossa honra, e proíbe-o Deus!"*²⁹

O *Sermão Gratulatorio* de 1871 foi proferido pelo desembargador da Relação Patriarcal José Ferreira Garcia Dinis³⁰, seguindo as coordenadas habituais: coloca em contraste a alegria do 1.º de Dezembro com o espectro triste de 1580; identifica esta desgraça nacional com a punição divina pelos grandes crimes que a nação havia cometido; apresenta a revolução de 1640 como milagre da misericórdia divina; insiste no significado providencial do desastre de 1580 como lição da história para os tempos presentes:

*"É para mim fora de toda a duvida, que foi conveniente para nós portuguezes do século XIX a usurpação dos Filippes, porque as desgraças passadas impõem-nos a obrigação de fugirmos hoje das causas que indubitavelmente as motivaram"*³¹.

Um tom mais calmo domina o discurso proferido na sé patriarcal, no 1.º de Dezembro de 1872, pelo padre Manuel Ribeiro de Figueiredo³². Este sermão pretendia louvar o povo que exaltava a memória dos heróis que lhe legaram o património da honra e da independência, pese embora não pretendesse aludir a cenas ou actos que pudessem "produzir o menor desgosto", não sendo pois sua intenção ofender a nação vizinha e amiga, "com a qual, precedendo todas as garantias de mútua integridade e independência, podemos augmentar a riqueza nacional pelo commercio, pela industria, pelas sciencias e pelas artes"³³.

Os heróis de 1640 e a sua missão providencial foram também enfatizados no sermão recitado em 1873 pelo padre Figueiredo e Sá³⁴, com destaque para João Pinto Ribeiro, o jurisconsulto da classe média, e Luísa de Gusmão, a mulher espanhola que encarnava a adesão inequívoca à casa de Bragança e à causa da Restauração.

Em 1874 o padre Sousa Azevedo recitou na Igreja de Benfica um sermão que incidiu no tema do apogeu e queda da gesta expansionista portuguesa, fazendo ressaltar o significado

²⁹ *Ibidem*, p. 19.

³⁰ *Sermão gratulatorio do dia 1 de dezembro... pregado na santa sé patriarcal de Lisboa, no anno de 1871 pelo dr. José Ferreira Garcia Diniz, etc.* Lisboa, Tip. Universal, 1871, 8- de 20 páginas.

³¹ *Ibidem*, p. 15.

³² *Discurso que no dia 1 de dezembro de 1872... recitou no solemne Te-Deum celebrado na sé patriarcal de Lisboa, Manuel Ribeiro de Figueiredo, etc.* Lisboa, Tip. Universal, 1872, 8- de 14 páginas.

³³ *Ibidem*, p. 7.

³⁴ *Sermão em acção de graças pela restauração de Portugal em 1640, pregado na santa igreja patriarcal de Lisboa... em 1873, pelo padre António José de Figueiredo e Sá, etc.* Lisboa, Tip. Universal, 1874, 8² de 16 páginas.

de Alcácer-Quibir³⁵. À semelhança de alguns oradores já referidos, preocupou-se em evidenciar que a comemoração em que tomava parte não significava rancor, ódio, nem tão pouco uma provocação a Espanha, e pretendia apenas contrariar a teoria da inexorabilidade da união ibérica:

*"O que nós queremos significar com estes festejos é que protestamos com sincera indignação contra todos aqueles que imaginam que a união ibérica é uma fatalidade, uma concepção política que necessariamente se hade realizar, ainda que não seja senão pela força das armas"*³⁶.

288

No ano de 1875 o sermão patrocinado pela Comissão Central 1º de Dezembro voltou à Sé de Lisboa e dele foi encarregue Francisco da Silva Figueira que, nos dois anos anteriores, tinha recitado orações gratulatórias daquela efeméride na própria sede da Comissão, sita no palácio dos Almadas³⁷. Neste 1º de Dezembro de 1875 o orador celebrava também a colocação da primeira pedra do Monumento aos Restauradores patrocinado pela Comissão à qual não poupava elogios em virtude da sua acção em prol da independência nacional³⁸. No tocante às teorias iberistas este eclesiástico quis fazer um esclarecimento quanto à sua proveniência:

*"Essa idéa annexionista teve ardentes defensores além das nossas fronteiras, os quaes espontaneamente se encarregaram de fazer acreditar á Europa que nós os portugueses, esquecidos das nossas gloriosas tradições e das severas lições da historia e fartos da tranquillidade da nossa pequena casa, almejávamos por ser grandes na casa alheia"*³⁹.

Também em 1875 João Augusto Pina proferiu uma *Oração Gratulatoria* na igreja paroquial de Santo Antão de Évora⁴⁰ cujo exórdio sublinhava a prioridade daquela cidade na "idéa sublime da nossa emancipação do jugo hespanhol", reiterando tais virtualidades no tempo presente, já que os seus habitantes protestam "perante todo o paiz contra a idéa da união ibérica sob qualquer pretexto que seja"⁴¹.

³⁵ *Discurso recitado na parochial igreja de Bemfica no Te-deum celebrado no 1- de dezembro de 1874... por António de Sousa Azevedo, prior da mesma freguezia.* Lisboa, Tip. Universal, 1875, 8^s de 16 páginas.

³⁶ *Ibidem*, p. 15.

³⁷ Embora o discurso de 1873 não tenha chegado aos prelos, dele faz referência o do ano seguinte, publicado sob o título: *Discurso e poesia que na sessão solemne da comissão central 1- de dezembro de 1640, na noite do 1- de dezembro de 1874 recitaram... prior Francisco da Silva Figueira e conselheiro Thomás Ribeiro, etc.* Lisboa, Tip. Universal, 1875, 8- de 28 páginas. Este texto não diferia muito dos demais: apresentava o amor à pátria e a fé como meios de preservar a independência, reputava as mulheres de principais guardiãs das virtudes cívicas e religiosas, e ressaltava o patriotismo dos portugueses no Brasil em virtude da subvenção realizada em Manaus para o monumento dos restauradores a qual havia sido apresentada nesta mesma sessão pelo tesoureiro da Comissão, o comendador Francisco Lourenço da Fonseca.

³⁸ *Discurso que na santa sé patriarchal de Lisboa, solemnisando a gloriosa restauração de Portugal, e a colocação da pedra fundamental do monumento d'ella recordador, pregou em 1 de dezembro de 1875 o prior da Ajuda Francisco da Silva Figueira, etc.* Lisboa, Tip. Universal, 1876, 8- de 16 páginas.

³⁹ *Ibidem*, p. 15.

⁴⁰ *Oração gratulatoria que no dia 1 de dezembro de 1875... recitou na parochial igreja de Santo Antão de Évora João Augusto Pina, etc.* Lisboa, Tip. de G. M, Martins, 1876.

⁴¹ *Ibidem*, p. 5.

Em 1876 o pregador convidado pela Comissão Central foi o padre Joaquim da Silva Serrano que achava ser seu dever alertar os portugueses contra as tentações da enganosa propaganda ibérica, pois "o mais valeroso e forte dos homens foi victima da astúcia de Dalila; e quantos o não foram das devassidões das Lesbias, das Lidias, e das Messalinas?!"⁴²

Por isso, reiterou os votos de boa vizinhança com Espanha mas repudiou energicamente a união ibérica:

*"União, - não, que seria a guerra, a lueta de morte, cheia de ódios e maldições; seria a união monstruosa do Leão e da Panthera"*⁴³.

Outro sermão deste 1º de Dezembro de 1876 foi proferido na Conceição Nova pelo padre José Baptista Rossa⁴⁴, que consentiu na sua publicação pois "quiz ajuntar um brado aos muitos brados, um protesto aos muitos protestos, um anathema aos muitos anathemas, que vozes eloquentissimas têm soltado contra a sedição e malfadada ideia da União Ibérica"⁴⁵. Numa oratória vibrante e plena de erudição, este sermão recorreu a um arsenal histórico-literário vasto, citou textos de autores nacionais consagrados - de Camões a Sá de Miranda, de Rebelo da Silva a Tomás Ribeiro - e terminou a sua peroração com um verso que alude ao inferno do iberismo:

"Os utopistas da União Ibérica, se não foram taes, deveriam ler, na Fronteira Portugueza, gravada em caracteres de fogo, umas palavras, exprimindo a ideia d'aquelle sublime verso do Dante:

*Lasciate ogni speranza voi ch'entrate!"*⁴⁶

O *Sermão da Gloriosa Restauração de Portugal* que o padre Augusto Pereira da Silva pregou na sé de Lisboa, no 1.º de Dezembro de 1877, bradava de uma forma peremptória: "Somos livres porque queremos ser livres"⁴⁷.

Também o *Sermão Gratulatorio* que em 1878 pregou o padre José António Vieira de Melo⁴⁸, abordou emotivamente a história dos "sessenta annos da nossa servidão" e lembrou o abismo moral entre os dois povos que, no entanto, deviam relacionar-se amigavelmente:

⁴² *Discurso em appiauso á gloriosa restauração de Portugal em 1640, pregado na sé cathedral de Lisboa em 1876... por Joaquim da Silva Serrano, prior de Bellas, etc.* Lisboa, Tip. Universal, 1876, 8- de 20 páginas.

⁴³ *Ibidem.*

⁴⁴ *Sermão Commemorativo da Restauração de Portugal pregado no Primeiro de Dezembro de 1876 na Parochial de Nossa Senhora da Conceição, de Lisboa.* Lisboa, Tip. Editora de Matos Moreira & C-, 1877, 21 p. + 1 inumerada.

⁴⁵ *Ibidem*, p. inumerada.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 21.

⁴⁷ *Sermão da gloriosa restauração de portugal em 1640, pregado na santa sé patriarchal de Lisboa no 1º de dezembro de 1877, pelo presbytero Augusto Pereira da Silva, prior de Salvaterra de Magos, etc.* Lisboa, Tip. Universal, 1878, 8² de 14 páginas.

⁴⁸ *Sermão gratulatorio do dia 1 de dezembro... pregado na santa sé patriarchal d'esta corte pelo presbytero José António Vieira de Mello em 1878, etc.* Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves, 1879, 8- de 20 páginas.

"Portugal e Hespanha devem viver como amigos e como irmãos; mas conservando sempre a sua independência, os seus foros, as suas garantias de liberdade e a sua autonomia. O Omnipotente, aproximando estes dois povos pelas suas condições topographicas, cavou entre elles um abysmo pela diferença do seu character morar"⁴⁹.

Em 1881 o sermão do padre Leitão e Castro deixava como mensagem final uma exortação à tomada das armas se, em alguma circunstância, perigasse a independência da pátria:

"Ás armas portuguezes! levante-se, confiado em Deus, terrível e impávido o Portugal guerreiro d'outr'ora e esmague o viperino traidor; combata-se o inimigo injusto que deseje o que não é seu; defenda-se a pátria até ao último alento; e se - o que eu julgo impossível - ella ainda assim perecer, então, portuguezes, morramos todos com ella "^M.

90

A questão da defesa armada foi recolocada em 1882 pelo padre Feio Serra mas de forma implícita:

"Não avivarei ódios extinctos: não erguerei um grito de guerra, porque esse grito só me escaparia dos lábios se as nossas fronteiras fossem invadidas. As duas nações da península podem ser amigas, alliando-se e trabalhando de commum accordo no grande edificio da civilização, mas vivendo cada uma dentro dos limites das suas fronteiras, vivendo cada uma uma vida própria e independente! "^A

A *Oração Gratulatoria* do padre Francisco José Patrício recitada em 1883 sustentava que os feitos dos povos se inspiravam em dois pilares fundamentais: religião e pátria, que 0 mesmo é dizer, fé e civismo. Evocou a redenção providencial da pátria no 1.º de Dezembro após o período de declínio que o império do Oriente tinha precipitado, e congratulou-se com esta comemoração num momento em que, como referem as suas últimas palavras, o país atravessava novamente tempos conturbados:

"Estamos em um d'esses períodos difficilimos na vida dos povos em que nunca foi tão preciso como hoje consagrarmos á pátria o amor e dedicação com que a tornemos forte, respeitada e florescente"⁵².

O Dr. Garcia Dinis foi em 1884 convidado pela segunda vez para recitar o sermão do 1º de Dezembro; escolheu então o tema da justificação da autonomia portuguesa pelas suas gloriosas tradições e história, às quais acrescentava o imperativo de afirmação da nacionalidade

⁴⁹ *Ibidem*, p. 17.

⁵⁰ *Sermão Gratulatorio pela Milagrosa Restauração de Portugal em 1640 pregado na Sé Patriarchal de Lisboa no dia 1- de dezembro de 1881 pelo padre António Thomaz da Silva Leitão e Castro*. Lisboa, Tip. Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1882, 16 páginas.

⁵¹ *Sermão em Acção de Graças pela feliz Restauração de Portugal em 1640 pregado na Sé Patriarchal de Lisboa no dia 1- de Dezembro de 1882 pelo padre José Alexandre de Menezes Feio Serra*. Lisboa, Tip. Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1883, 20 páginas.

⁵² *Oração Gratulatoria que no Solemne Te-Deum celebrado na Sé Patriarchal de Lisboa no Anniversario da Restauração de Portugal commemorando o dia 1- de Dezembro de 1640 recitou no anno de 1883 Francisco José Patrício*. Lisboa, Tip. de Eduardo Roza, 1883, 19 páginas.

lusa por via da sua participação na tarefa universal de civilização e progresso dos povos, na qual avultava a prioridade ultramarina:

*"É preciso, que procuremos mostrar ao mundo, que o Portugal d'hoje também tem uma nobilíssima missão a cumprir, também sabe concorrer para a civilização das gentes, e para a prosperidade dos povos. É preciso, que nos esforcemos por mostrar com factos que a nossa nacionalidade representa ainda um grande principio e uma grande necessidade social. É preciso que mostremos, que ainda as nossas dilatadas provindas ultramarinas se acalentam ao fogo benéfico da civilização christã, que d'aqui lhe enviamos. (...) É preciso, que mostremos ao mundo d'hoje, como os portuguezes do tempo de D. João I souberam mostrar, que ainda temos sangue, e ainda aspiramos a combater pela causa christã do progresso e da civilização da humanidade"*⁵¹.

291

O *Discurso* pronunciado no 1º de Dezembro de 1885 recitado por um orador já habituado a estas lides, Francisco da Silva Figueira, trazia duas novidades: por um lado, evidenciava a participação de todas as classes sociais na revolução de 1640 e, por outro, baseava-se no desenvolvimento recente da etnografia para colocar a tónica na diferenciação inequívoca dos dois povos peninsulares, ao nível da língua, raça e carácter⁵⁴.

Em 1886 o padre Francisco António da Costa pregou um sermão profundamente céptico em relação aos princípios modernos do cosmopolitismo e da ciência, contrapondo-lhes os valores de pátria e fé, os quais lamentava serem vistos nos tempos que corriam como "heresias sociais". Denunciava pois as criações dessas teorias que, em nome da igualdade, faziam anexações e, em nome da fraternidade, excitavam ódios de raça e crenças. Para este eclesiástico, a civilização moderna, assente no predomínio da matéria, era a responsável por todos os males sociais, inclusive a própria guerra, defendendo a tese de que "o progresso do machinismo mata o ideal, apaga o amor da religião e da pátria"⁵⁵.

A oração do padre Freire de Andrade pronunciada em 1887 não fugia aos moldes doutrinários tradicionais⁵⁶; defendendo a amizade e respeito entre Portugal e Espanha - apesar de o futuro ser um "denso véo" - concluía que o segredo da independência portuguesa residia nos conceitos capitais de Religião e Pátria.

Portugal foi o título que em 1891 o doutor Francisco Martins escolheu para o seu discurso comemorativo do 1.º de Dezembro, salientando assim o exercício de gnose da nação que

⁵¹ *Oração Gratulatoria do Dia 1.º de Dezembro Anniversario da Restauração e Independência de Portugal em 1640 Recitada na Santa Sé Patriarchal de Lisboa no anno de 1884 peio Dr. José Ferreira Garcia Diniz.* Lisboa, Tip. Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1884, 16 páginas.

⁵⁴ *Discurso pronunciado no Dia 1.º de Dezembro de 1885 na Cathedra de Lisboa por Francisco da Silva Figueira.* Lisboa, Tip. Universal, 1885, 14 páginas.

⁵⁵ *Sermão pregado no Dia 1.º de Dezembro de 1886 na Sé de Lisboa por Francisco António da Costa.* Lisboa, Tip. Universal, 1886, 15 páginas.

⁵⁶ *Oração Gratulatoria que no Solemne Te Deum celebrado na Sé Patriarchal de Lisboa no Anniversario da Restauração de Portugal commemorando o dia 1 de Dezembro de 1640 recitou no anno de 1887 o Padre José Ricardo Freire d'Andrade capellão da Real Collegiada de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa.* Lisboa, Tip. Universal, 1888, 20 páginas.

esta sermonária ensaiava⁵⁷. O catedrático de Teologia defendia um cosmopolitismo de raiz cristã, não inibidor do amor à pátria e promotor da cooperação entre os povos, mas nitidamente contrário às doutrinas defensoras das grandes aglomerações nacionais. Às questões "Somos uma nação pequena?" e "Não temos fronteiras naturais?" respondia energicamente, contrapondo à primeira o exemplo de pequenas nações prósperas como a Bélgica, a Suíça, a Holanda e a Dinamarca e, relativamente à segunda, lembrando que a civilização moderna e os seus novos meios de comunicação haviam tornado desadequada a circunscrição das divisões políticas aos limites naturais. A seu ver, existiam condições objectivas e subjectivas que justificavam a existência da nação portuguesa. As condições objectivas plasmavam-se na unidade política e "lingua própria formando uma literatura inconfundível, na qual estão impressas a Índole, o génio e o carácter nacional"⁵⁸. Por condição subjectiva entendia a consciência da nacionalidade que, em Portugal, considerava indelével. A uniformidade do sentimento religioso constituía ainda um factor de união e conservação da nacionalidade.

O discurso recitado no 1.º de Dezembro de 1892 por João Baptista Ribeiro⁵⁹ ressaltava muito claramente uma questão: o paralelismo entre as crises mentais e morais dos finais dos séculos XVI e XIX. Mas tal como em 1640 o país conheceu um renascimento após um período de desonra, decadência e inércia degradante, também a crise finissecular de Oitocentos seria superada, anunciando uma era de ressurgimento moral.

O binómio decadência/regeneração que parecia aplicar-se às duas idades torna-se cada vez mais patente nestes sermões, insistindo os seus autores na esperança de superação da crise e ultrapassagem do abatimento moral. Como seria de esperar, e tendo em conta o contexto histórico-político da época, entre as medidas propostas perfilava-se a colonização e missiões da África portuguesa⁶⁰.

A adequação das perspectivas teológicas às realidades históricas produz interpretações curiosas na sermonária gratulatória do 1.º de Dezembro. Enquanto a perda da independência é vista como o castigo divino pelos vícios e ambição dos portugueses, a restauração assume o carácter de uma manifestação hierática, isto é, expiadas as culpas pela via dolorosa da dominação estrangeira, a nação é providencialmente recompensada pelas antigas virtudes, pelos serviços prestados à civilização, nomeadamente pelos feitos decorrentes da expansão e descobrimentos. A regeneração da crise presente não poderia também advir de uma boa colonização dos territórios africanos?

⁵⁷ Portugal. *Discurso Commemorativo da sua Restauração em 1640 Recitado na Sé Patriarchal de Lisboa em o dia 1º de Dezembro de 1891 pelo presbytero Francisco Martins*. Coimbra, Imp. da Universidade, 1892, 45 páginas.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 37.

⁵⁹ *A Restauração da Independência de Portugal. Discurso Commemorativo recitado na Sé Patriarchal no dia 1º de Dezembro de 1892 pelo Presbytero João Baptista Ribeiro Coelho*. Lisboa, Tip. Universal, 1892, 21 páginas.

⁶⁰ Esta ideia está também presente no discurso que o padre Alves Mendes preparou para a inauguração do Monumento aos Restauradores e o qual, embora não tenha sido recitado por "emergências imperiosas", veio a ser publicado sob o título *Pátria! (Discurso na Inauguração do Monumento aos Restauradores de Portugal)*. Porto, Livraria Moderna, [1886], 49 páginas.

A dimensão humana só aparentemente é subalternizada no milagre da Restauração; se bem que agindo sob protecção divina, ou por isso mesmo, os agentes envolvidos são guindados à categoria de heróis, sendo os mais celebrados João Pinto Ribeiro e D. João IV. Um arquétipo feminino é recorrentemente inculcado: a conduta heróica de D. Filipa de Vilhena é apresentada às mães e esposas como paradigma do amor à família e à pátria; todavia, outras mulheres estão presentes nesta épica restauracionista, como Luísa de Gusmão e Mariana de Lencastre.

Os monumentos são também protagonistas da história de um povo, manifestações do seu génio; representando os dois maiores feitos dos portugueses - a saga marítima e a resistência vitoriosa ao invasor espanhol - os Jerónimos e a Batalha são apresentados como testemunhos objectivos dessas glórias, símbolos supremos da nacionalidade.

Mas os maiores "trofeus" da história nacional parecem ser as vitórias alcançadas contra os castelhanos: de Ourique a Montijo, com especial destaque para Aljubarrota, dezenas de batalhas travadas em solo português ou espanhol são porfiadamente evocadas na casa do Senhor. Impunha-se aqui a transposição aos tempos presentes e os pregadores não se fazem rogados: se de novo os espanhóis ousassem alguma provocação à integridade da independência nacional todos os portugueses se transformariam em soldados. A exortação às armas é contudo matizada por reiterados votos de amizade e cooperação entre os dois países peninsulares.

Invariavelmente presentes na sermonária anti-ibérica são os binómios pátria/religião e patriotismo/fé; apresentado como um dos sentimentos mais puros e nobres, o amor à pátria é equiparado ao amor a Deus e da associação de ambos resulta a felicidade das nações. Entre as declarações perorativas, sempre aliadas ao encómio do patriotismo, surgem as condenações das teorias anexionistas e iberistas, mais ou menos explícitas, engrossando inequivocamente o vasto caudal da literatura anti-ibérica.

SINOPSE DOS SERMÕES ANTMBERICOS

AUTOR	TITULO	RECITAÇÃO		PUBLICAÇÃO			
		LOCAL	DATA	LOCAL	DATA	EDITORIA	COMISSÃO CENTRAL
Manuel Joaquim Barradas	Sermão do dia 14 de Janeiro de 1857, aniversário das Linhas de Eivas	Sé — Eivas	14.1.1857	Coimbra	1857	Imprensa da Universidade	Não
Francisco Soares Franco Júnior	Oração em acção de graças pela feliz restauração de Portugal em 1640	Coimbra	1.12.1863	Porto	1865	Viúva More	Não
Miguel Ferreira de Almeida	Discurso patriótico contra a Ibéria	S. Ml' Maior Covilhã	1.12.1868	Covilhã	s. d.	Tip. Católica	Não
José Maria de Almeida Ribeiro	Oração gratulatória pela feliz restauração de Portugal no ano de	Sé — Lisboa	1.12.1868	Lisboa	1869	Castro Irmão	Sim
Joaquim Alves Mateus	Oração gratulatória e comemorativa do primeiro de Dezembro de 1640	Sé — Braga	1.12.1868	Braga	1869	Universal	Não
Augusto António Teixeira	Sermão gratulatório do dia primeiro de Dezembro aniversário da independência e restauração de	Sé — Lisboa	1.12.1868	Lisboa	1869	Castro Irmão	Sim
António Maria Belo	Sermão em acção de graças pela feliz restauração de Portugal em 1640	Sé — Lisboa	1.12.1870	Lisboa	1870	Universal de Tomás Quintino Antunes	Sim
José Ferreira Garcia Dinis	Sermão gratulatório do dia primeiro de Dezembro aniversário da independência e restauração de Portugal em 1640	Sé — Lisboa	1.12.1871	Lisboa	1871	Universal de Tomás Quintino Antunes	Sim
Manuel Ribeiro de Figueiredo	Discurso no aniversário da independência e restauração de Portugal em 1640	Sé — Lisboa	1.12.1872	Lisboa	1872	Universal de Tomás Quintino Antunes	Sim

SINOPSE DOS SERMÕES ANTI-IBÉRICOS

AUTOR	TÍTULO	RECITAÇÃO		PWLICAÇÃO			
		LOCAL	DATA	LOCAL	DATA	EDITORA	COMISSÃO CENTRAL
António José de Figueiredo e Sá	Sermão em acção de graças pela restauração de Portugal em 1640	Sé — Lisboa	1.12.1873	Lisboa	1874	Universal de Tomás Quintino Antunes	Sim
António de Sousa Azevedo	Discurso (...) para comemorar o feliz aniversário da nossa restauração	Igreja de Benfica Lisboa	1.12.1874	Lisboa	1875	Universal de Tomás Quintino Antunes	Sim
João Augusto de Pina	Oração gratulatória no aniversário da restauração de Portugal	Santo Antão Évora	1.12.1875	Lisboa	1876	Tip. de G. M. Martins	Não
Francisco da Silva Figueira	Discurso solenizando-se a gloriosa restauração de Portugal e a colocação da pedra fundamental do monumento dela recordador	Sé — Lisboa	1.12.1875	Lisboa	1876	Universal de Tomás Quintino Antunes	Sim
Joaquim da Silva Serrano	Discurso em aplauso à gloriosa restauração de Portugal em 1640	Sé — Lisboa	1.12.1876	Lisboa	1876	Universal de Tomás Quintino Antunes	Sim
José Baptista Rossa	Sermão comemorativo da restauração de Portugal	Conceição Nova Lisboa	1.12.1876	Lisboa	1877	Matos Moreira & C"	Não
Augusto Pereira da Silva	Sermão da gloriosa restauração de Portugal em 1640	Sé — Lisboa	1.12.1877	Lisboa	1878	Universal de Tomás Quintino Antunes	Sim
José António Vieira de Melo	Sermão gratulatório do dia primeiro de Dezembro aniversário da independência e restauração de	Sé — Lisboa	1.12.1878	Lisboa	1879	Imprensa de J. G. de Sousa Neves	Sim

SINOPSE DOS SERMÕES ANTMBERICOS

AUTOR	TÍTDL0	RECITAÇÃO		PUBLICAÇÃO			
		LOCAL	DATA	LOCAL	DATA	EDITORA	COMISSÃO CENTRAL
António Tomás da Silva Leitão e Castro	Sermão gratulatório pela milagrosa restauração de Portugal em 1640	Sé — Lisboa	1.12.1881	Lisboa	1882	Universal de Tomás Quintino Antunes	Sim
José Alexandre de Meneses Feio Serra	Sermão em acção de graças pela feliz restauração de Portugal em 1640	Sé — Lisboa	1.12.1882	Lisboa	1883	Universal de Tomás Quintino Antunes	Sim
Francisco José Patrício	Oração gratulatória no aniversário da restauração de Portugal comemorando o dia 1 f de	Sé — Lisboa	1.12.1883	Lisboa	1883	Tip. de Eduardo Rosa	Não
José Ferreira Garcia Dinis	Oração gratulatória do dia 1 ? de Dezembro aniversário da restauração e independência de Portugal	Sé — Lisboa	1.12.1884	Lisboa	1884	Universal de Tomás Quintino Antunes	Sim
Francisco da Silva Figueira	Discurso pronunciado no dia 1 de Dezembro de 1885	Sé — Lisboa	1.12.1885	Lisboa	1885	Tipografia Universal	Sim
Francisco António da Costa	Sermão pregado no dia 1 f de Dezembro de 1886	Sé — Lisboa	1.12.1886	Lisboa	1886	Tipografia Universal	Sim
José Ricardo Freire de Andrade	Oração gratulatória no aniversário da restauração de Portugal comemorando o dia 1 de Dezembro	Sé — Lisboa	1.12.1887	Lisboa	1888	Tipografia Universal	Sim
Francisco Martins	Portugal. Discurso comemorativo da sua restauração de 1640	Sé — Lisboa	1.12.1891	Coimbra	1892	Imprensa da Universidade	Sim
João Baptista Ribeiro Coelho	A restauração da independência de Portugal — Discurso comemorativo	Sé — Lisboa	1.12.1892	Lisboa	1892	Tipografia Universal	Sim